

A PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL ACERCA DO USO DE “COLA/FILA” NO ENSINO DE CIÊNCIAS, JOÃO PESSOA – PB, BRASIL

Ana Laura Calazans dos Santos¹
Flávio Vieira Carvalho da Silva²
Gabriela Gouveia Henriques Martins³
Luis Guilherme Teixeira dos Santos⁴
Antônia Arisdélia Fonseca Aguiar Feitosa⁵

INTRODUÇÃO

“Colar” ou “filar” são expressões utilizadas para denotar a prática de trapacear em situações de avaliação. Apesar de ser uma prática proibida nas escolas, infelizmente é algo muito recorrente entre os estudantes. Eles utilizam diversos meios para obter os dados que necessitam, incluindo pedacinhos de papel escondidos dentro do estojo ou na manga do casaco ou na sola do sapato, informações anotadas em borrachas compartilhadas entre os colegas, textos minúsculos escritos na carteira ou na parede, olhares para a prova do colega, consulta a celulares com e sem acesso à internet, etc. São muitos artifícios encontrados e utilizados, e variam desde os métodos mais antigos aos mais atuais, inovadores e criativos.

O processo de aprendizagem a ser oferecido ao estudante deve primar por estudos contextualizados e significantes, de modo a atrair o interesse e a proatividade deste estudante. Ao sentirem-se protagonistas na produção de seu conhecimento, os estudantes, provavelmente, não buscarão artifícios como “colar e filar” para conseguirem aprovações nas disciplinas escolares. A partir dessa premissa, diferentes propostas têm surgido, recomendando uma educação inter-relacionada (BRASIL, 1998) e contextualizada, visando alcançar a efetivação da aprendizagem (BIZZO, 2009). É fundamental conectar o desenvolvimento cognitivo dos estudantes com suas vivências, identidade social e cultural, e os diversos significados e valores, para que a aprendizagem seja significativa (BRASIL, 1998).

No início do ano letivo, os professores assumem salas de aula diversas, com estudantes inseridos em contextos sociais, culturais, emocionais, etc. diferentes. Tornando um verdadeiro desafio alcançar todos os estudantes de forma igualitária. Contudo, a raiz dessa questão arraiga-se em todo o processo de ensino aprendizagem, incluindo o momento da avaliação. Se os estudantes não estão sendo capazes de aprender o que está sendo ensinado, a problemática da “cola/fila” pode ser interpretada como uma tentativa de evitar o fracasso no teste, uma vez que o conteúdo não conseguiu alcançar aquele estudante e não foi construído pelo mesmo. Mas até onde essa “culpa” é atribuída apenas ao professor?

Partindo da reflexão que todos os estudantes são diferentes, tanto em suas capacidades, quanto em seus interesses, nível de desenvolvimento, situações sociais e culturais, nem sempre o professor conseguirá por si só que os estudantes alcancem o conhecimento. Sendo

¹ Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, laura.cal33@gmail.com;

² Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, flaviovieira85@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, gabi_g26@hotmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, guilhermesantosjp@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: Doutorado, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, arisdelfeitosa@gmail.com.

assim, é necessário que haja empenho e interesse da parte deles, pois para que haja aprendizagem o estudante precisa dispor-se a entender que ninguém poderá fazê-lo por ele. Morais (1986) afirma que:

[...] a vida é um caminho e ninguém pode caminhar pelo outro o caminho que é do outro. Só há ensino quando há companheirismo entre ensinante e ensinando, educador e educando, pois o que caracteriza o ensinar é a ultrapassagem da coexistência para a convivência (MORAIS, 1986, p. 10).

Com o intuito de compreender porque os estudantes se apropriam de práticas inadequadas para conseguirem aprovação, a presente pesquisa buscou analisar a percepção dos estudantes do ensino fundamental de uma escola pública sobre o uso de “colas/filas”, bem como investigar os motivos relacionados à realização desse ato.

A pesquisa envolveu alunos do 7º ano de uma escola de ensino fundamental da rede pública na cidade de João Pessoa – PB como público-alvo do estudo, sendo os dados coletados por meio de questionários. Os resultados revelaram que a maioria dos estudantes praticam o ato de “colar/filar” e os principais motivos que levam a esse tipo de postura estão relacionados à falta de estudo e ao medo de não conseguir atingir a aprovação. Por isso, percebe-se que há uma preocupação muito grande com a nota, ao invés do conhecimento, apesar de a maioria declarar o contrário. Evidenciando que a avaliação baseada em classificação, somas e valores quantitativos, colaboram para o desenvolvimento de comportamentos inadequados e que prejudicam o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Nesse cenário fica claro que é necessário compreender a “cola/fila” em uma perspectiva crítica multidimensional para que essa problemática possa ser não apenas diagnosticada, mas também solucionada.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada com base nos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa quanti-qualitativa, de caráter exploratório. Para Minayo (2001), esse tipo de abordagem, não devem apresentar uma relação de oposição, visto que os dados qualitativos podem servir de subsídios para questões capazes de serem analisadas quantitativamente, ou ao contrário, devido à integração e complementariedade entre si.

A pesquisa foi realizada na cidade de João Pessoa (PB) e desenvolvida durante o mês de agosto de 2019, em uma escola da rede municipal de ensino. O público alvo foram os alunos do 7º ano do ensino fundamental, turno manhã, sendo a amostra constituída por 20 alunos, em que 14 estudantes se identificaram como sendo do sexo masculino, 4 do sexo feminino e 2 não se identificaram com nenhum dos sexos, marcando a alternativa “outros”. Todos que estavam presentes em sala de aula concordaram em participar da pesquisa, e foi esclarecido no momento de aplicação do instrumento de coleta de dados que a identidade de todos os participantes seria preservada.

A seleção amostral deu-se em virtude da turma indicar com frequência o ato de querer trapacear nas avaliações, fazendo cópias de respostas dos colegas e dos meios que forem possíveis de alcançar. Por isso, buscou-se averiguar sobre o que motiva os alunos a apresentarem esse tipo de comportamento. Os dados foram coletados por meio da aplicação de questionários contendo questões referentes a identificar características sócio demográficas do grupo estudado, e sete questões objetivas e subjetivas para a obtenção dos dados necessários a análise do objeto de estudo. Por meio do questionário se viabiliza o alcance de uma significativa quantidade de informações acerca do objeto a ser compreendido (COSTA e COSTA, 2015). Para Martins e Théóphilo (2016), o questionário apresenta-se como um valioso instrumento de coleta, visto que sua constituição pode abranger um conjunto ordenado e consistente de diversas situações ou condições sobre as quais se almeja adquirir entendimento e descrição.

A análise dos dados foi realizada através da elaboração de categorias para cada questão. As categorias foram estruturadas para que englobassem com fidelidade os dados coletados, por isso, as respostas foram agrupadas ao integrarem ideias semelhantes. Para isso, fundamentou-se nas ideias propostas por Carlomagno e Rocha (2016, p. 175) que afirmam que “a metodologia de análise de conteúdo se destina a classificar e categorizar qualquer tipo de conteúdo, reduzindo suas características a elementos-chave, de modo com que sejam comparáveis a uma série de outros elementos”. Com o propósito de contribuir para a interpretação dos dados, foi realizada a frequência relativa dos dados e fez-se uso do programa computacional Excel como ferramenta de apoio para tabulação dos dados.

DESENVOLVIMENTO

É impossível desassociar o ato de “colar/filar” a avaliação de aprendizagem, uma vez que essa prática é exercida durante os períodos avaliativos. E além disso, as motivações por trás da “cola” podem revelar muito sobre os métodos avaliativos que estão sendo aplicados em sala e a sua eficiência em mensurar a propriedade dos alunos em torno do conteúdo ministrado. Mas seria a avaliação o motivo principal para a “cola/fila”? Segundo Caldeira (2000) a avaliação escolar não é um final, porém uma parte do processo de aprendizagem que é estabelecido por um modelo teórico baseado na sociedade, no homem e na educação, essas que refletem na teoria e na prática pedagógica.

Sendo assim, as motivações por trás dessa prática podem remeter a muito mais do que simplesmente um estudante oportunista. Em sala, os professores podem até “pegar os estudantes no flagra” e/ou tentarem reprimir o ato, mas a solução para esse problema não é essa, é preciso entender o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) está(ão) levando-os a utilizarem “colas”. Quando o processo de ensino se baseia em um modelo tradicional, o apego ao livro didático e as palavras do docente mudam a maneira como os conteúdos são cobrados nas avaliações. Por isso, o estudante se sente inseguro por tentar memorizar grandes quantidades das informações necessárias para a realização de uma avaliação, recorrendo assim a “cola”.

No ensino de ciências, essa situação agrava-se devido a dois principais fatores, sendo o primeiro, a importância e a aplicabilidade dos conteúdos trabalhados, dos quais os estudantes, ao assimilarem informações de determinado conteúdo, poderão associá-lo com o seu cotidiano e aplica-lo fora do ambiente escolar. Sendo assim, as Ciências agregam conhecimentos extremamente relatáveis com o cotidiano, e tem a capacidade de impactar verdadeiramente a vida de um estudante. O segundo fator está atrelado a esse impacto na vida do estudante, e está relacionado com a maneira pela qual o professor interage, aplica e cobra os conteúdos trabalhados, pois um ensino de ciências efetivo traz consigo a alfabetização científica dos estudantes e é o elemento que se torna responsável pela capacidade do estudante de enxergar os conteúdos fora do ambiente escolar.

[...] a alfabetização científica é a finalidade mais importante do ensino de Ciências; estas razões se baseiam em benefícios práticos pessoais, práticos sociais, para a própria cultura e para a humanidade, os quais se obtêm por meio da combinação de duas escalas binárias: individual/grupal e prática/conceitual, dando lugar aos quatro domínios indicados.” (DÍAZ, ALONSO E MAS, 2003. p. 3, tradução nossa)

No âmbito avaliativo, muitas das vezes o professor tende a desconsiderar bagagens de conhecimento trazidas pelos estudantes e considerar apenas o conhecimento contido em livros ou até em sua própria palavra, provocando desestímulo e desinteresse.

Nessa perspectiva, pode-se pressupor que essa quebra de regras traduzida no ato de “colar” reflete a falta de eficiência no sistema de avaliação escolar. E desse modo, o processo avaliativo perde todo o seu sentido, pois como seria possível avaliar um aluno com base em respostas transcritas de outros materiais? Ele não estaria sendo avaliado pelo seu

conhecimento. Isso ocorre porque a escola não está preocupada em avaliar os conhecimentos do estudante e sim com as notas, logo, isso é refletido no estudante e o mesmo se preocupa apenas em tirar notas boas para ser aprovado. Logo, concorda-se com Luckesi (1995) quando afirma que:

Como a escola possui uma prática de avaliação que necessita esse contrabando de transformação da qualidade em quantidade, ela transforma facilmente as expressões verbais da avaliação em expressões numéricas. Mas por que a escola necessita desse contrabando? Necessita pelo fato de trabalhar com média de notas e não com um mínimo necessário de conhecimentos. (LUCKESI, 1995)

Ao perceberem a desvalorização do conhecimento e a supervalorização das notas, os alunos tendem a reconfigurar seu modo de pensar e até mesmo de agir perante uma avaliação. Pois, ali encontra-se para ele muito mais do que uma folha de papel com algumas questões, mas sim o que o definirá como um bom ou mal estudante, inteligente ou medíocre, capaz ou incapaz, e esse julgamento não se restringe apenas ao ambiente escolar, muitas vezes estendendo-se até o núcleo familiar. Com tudo isso em jogo, uma avaliação tradicional e objetiva, que preza respostas exatas, conceitos e termos, desperta a ânsia pelo acerto, gerando ansiedade que é traduzida em medidas que buscam transferir o conhecimento de um ponto A (papéis, borrachas, carteiras) ao ponto B (a avaliação em si). Esse processo implica principalmente no comprometimento dos conteúdos trabalhados e no processo de construção do conhecimento. A longo prazo essa prática acarreta ainda o desinteresse pelas aulas, uma vez que “não há necessidade de estudar devido ao uso das colas”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreende-se que a “cola” é um termo amplamente difundido no ambiente escolar, mesmo que essa prática não seja exercida por quem o conhece. Sendo assim, quando questionados sobre o termo “cola/fila”, 90% dos estudantes afirmaram o conhecer, enquanto apenas 10% afirmaram não saber o que o termo tratava. Esperava-se que 100% dos estudantes afirmassem conhecer o termo por se tratar de uma prática comum nas escolas. Quando questionados se já recorreram a esse tipo de prática, 70% dos estudantes confirmaram, o que denota uma frequência alta no número amostral, uma vez que mais de 50% já adotaram/adotam essa prática alguma vez na vida. Segundo Barbosa (2017) o erro traz consigo consequências como punição, invalidação, reprovação (seja pelo professor, pela escola ou pela família) ... e por essa razão, o estudante pode buscar a “cola/fila” como uma alternativa para o acerto e busca para o “sucesso”. Em outras palavras, o estudante ao “colar/filar” pode estar buscando aprovação dos professores, colegas de classe, familiares, para então ser considerado capaz, inteligente, estudioso, etc.

Nesse contexto se faz necessário entender quais as motivações que eles têm para realizar tal ato. O motivo mais apontado diz respeito a falta de estudos prévios a avaliação, somando um total de 35% das respostas, uma parcela de 10% dos estudantes afirmou que utilizaram a “cola” como um meio para conseguir avançar de ano, como é colocado pelo E2: “Foi quando tinha 8 anos e estava na prova final, estava com medo de reprovar e peguei mas depois não peguei mais”, 5% dos estudantes tinham uma imagem de si como incapazes. Segundo Barbosa (2017, p. 86) “Por razões relacionadas às práticas institucionais e psicossociais, a “cola” se configura como uma fuga ao “erro”. O aluno precisa abolir o “erro” do processo de avaliação, portanto, utiliza a “cola” como meio ilícito para conseguir o sucesso pela certificação.” Isso manifesta o anseio do estudante em acertar para atingir tal objetivo, seja o de tirar uma boa nota, seja o de não decepcionar a família, seja o de passar de ano, etc.

Fatores emocionais também estão envolvidos durante o processo de “cola”, pois, ao “colar” o estudante sabe que está fazendo algo errado e o organismo responde a esse estresse

como uma sensação de perigo. O estresse é uma resposta natural do organismo frente a situações de perigo e medo. Quando questionados sobre a sensação de “colar”, 15% declarou sentir medo, ocasionado pela possibilidade de serem pegos e terem sua nota anulada, o que denota o anseio pela nota e não pelo conhecimento. Outra parcela composta por 20% dos estudantes afirmou que a sensação é boa devido a recompensa caso a resposta esteja correta. A grande maioria das respostas obtidas remeteram ao sistema de notas, porém 5% dos estudantes afirmaram sentir uma sensação ruim, pois compreendiam que não sabiam o conteúdo. O anseio por um bom resultado ocorre em virtude da rotulação que o estudante recebe por ele, segundo Pimenta e Pimenta (2016, p.954) “[...] a nota, resultado da avaliação, costuma estar associada a uma identidade: mau aluno, bom aluno, inteligente, etc...”.

Avaliar o conhecimento assimilado é o principal objetivo do processo avaliativo. Sendo assim, o uso da “cola” é uma apropriação de um conhecimento que não pertence ao estudante. Desse modo, os estudantes foram questionados sobre o que era mais importante para eles: o conhecimento ou a nota? Cerca de 55% dos alunos responderam que o conhecimento era mais importante, como foi colocado pelo E5: “Pra mim o conhecimento, porque com o conhecimento que se faz a nota”, essa colocação evidencia que mesmo quando a nota é vista como uma consequência, o conhecimento assume importância porque atribui uma nota. Comprovando uma falha ao modelo de escola que está preocupada apenas com a nota e não o conhecimento do estudante. O mesmo pode ser notado em uma porcentagem de 20% dos alunos, que declararam que ambos têm igual importância, como colocado pelo E10: “Os dois porque o conhecimento sabe mais e a nota é para passar de ano nas escolas” e E14: “Os dois porque se a nota for ruim, aí não adianta”. Isso mostra que o estudante pensa estar atribuindo igual importância entre as duas vertentes, mas o prendimento a nota é inevitável, como se o conhecimento sem a nota não tivesse valor. Segundo Luckesi (2005) se “a escola trabalhasse com um mínimo de conhecimentos, ela não teria necessidade de fazer médias e, por isso, não precisaria contrabandear qualidade em quantidade”, portanto, esse modelo de escola que valoriza a nota reflete nos estudantes a ideia de que se eles atingirem a nota que o sistema exige para ser aprovado, não haverá problemas com outras coisas (conhecimento) porque isso é o que ele precisa cumprir, logo a escola e a avaliação perdem seu papel e contribuem negativamente para formação do estudante como cidadão crítico.

Por fim, os estudantes foram questionados se a “cola” faz eles aprenderem os conteúdos, 85% dos estudantes responderam que não, o E7 colocou “Não, mas faz ele passar de ano, estudar é uma bosta”, essa colocação evidencia o desinteresse do estudante pelo estudo que pode estar sendo ocasionado por diferentes motivos, e além disso, a visão da “cola/fila” como uma alternativa para se dar bem nas avaliações “suprindo” na visão dele a necessidade do estudo, o que mostra as falhas no processo avaliativo, no modelo de escola, no sistema educacional, na prática do professor, etc. Para conseguir despertar no estudante o interesse pela ciência e pelo estudo, o professor deve fazer uso de “um modelo de aprendizagem que permita a formação, mas com forte desenvolvimento da formação de habilidades, competências, atitudes e valores” (SEGURA, KALHIL, 2015, p. 90) superando os limites do ensino tradicional que se mostra pouco atrativo para o estudante, e utilizando metodologias ativas, que valorizem seu conhecimento prévio adquirido por suas vivências, permitindo que o ensino seja interativo, contextualizado, lúdico e que ele seja o centro desse processo de aprendizagem, estimulando assim seu empenho e consequentemente aprendizagem, e ainda a “necessidade” de “colar/filar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos nessa pesquisa a percepção dos estudantes sobre a “cola/fila” e alguns dos motivos que leva-os a praticarem tal ato. Nesse cenário fica claro que é necessário compreender a “cola/fila” em uma perspectiva crítica multidimensional para que essa problemática possa ser não apenas diagnosticada, mas também solucionada. Pois, só ao ter

conhecimento do que motiva os estudantes ao praticarem a trapaça, os professores, a escola e os familiares poderam agir para sanar o problema e impedirem que a formação do estudante seja prejudicada por essa prática.

Palavras-chave: Avaliação. Ensino aprendizagem. Educação básica.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. A. C. **As práticas de “cola” na universidade e sua relação com os processos de ensino, aprendizagem e avaliação.** 2017. 459 F. Tese (Doutorado) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2017.

BIZZO, N. **Mais Ciência no Ensino Fundamental: Metodologia de Ensino em Foco.** São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALDEIRA, Anna M. Salgueiro. **Ressignificando a avaliação escolar.** In: Comissão Permanente de Avaliação Institucional: UFMG-PAIUB, (Cadernos de avaliação -3). Belo Horizonte: PROGRAD/UFMG 2000, p. 122.

CARLOMAGNO, M. C.; ROCHA, L. C. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política,** Paraná, v. 7, n. 1, p. 173-188, 2016.

COSTA, Marco Antonio F. e COSTA, Maria de Fátima. **Projeto de Pesquisa: entenda e faça.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

DÍAZ, J.A.A., ALONSO, A.V. E MAS, M.A.M. Papel de la Educación CTS en una Alfabetización Científica y Tecnológica para todas las Personas. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias,** v.2, n.2, 2003.

LUCKESI, CIPRIANO C. Avaliação do Aluno: a favor ou contra a democratização do ensino? In: LUCKESI, CIPRIANO C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 1995, p. 66-80.

MARTINS, Gilberto de Andrade e THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, Régis de. **O que é ensinar.** São Paulo: E.P.U, 1986, p.10.

PIMENTA, M. A. A.; PIMENTA, S. A. Fraude em avaliações no ensino superior do Brasil: aproximações com uma pesquisa de Portugal. **Avaliação,** Sorocaba-SP, v. 21, n. 3, p. 953-974, 2016.

SEGURA, E.; KALHIL, J. B. A metodologia ativa como proposta para o ensino de ciências. **Revista REAMEC,** Cuiabá-MT, n. 03, p. 87-98, 2015.